

A INCONTINÊNCIA URINÁRIA E A ATUAÇÃO VITAL DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM, “TÁ MIJANDO OU TÁ CAGANDO?”, “DANDO OU TÁ COMENDO?”

Ricardo Santos David

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: ricardosdavid@hotmail.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-77>

RESUMO: O artigo abordou o papel significativo da enfermagem no cuidado a pacientes com incontinência urinária, uma condição de saúde frequentemente subnotificada e subdiagnosticada que afeta uma variedade de grupos populacionais. A pesquisa foi conduzida através de uma revisão sistemática de literatura, utilizando bases de dados acadêmicas como PubMed e Scopus, bem como bibliotecas virtuais e catálogos de instituições de ensino. Foram considerados estudos publicados no período de 2018 a 2023, a fim de garantir uma perspectiva atualizada sobre o tema. O foco principal foi investigar o escopo da assistência de enfermagem, que se mostrou ir além de intervenções paliativas, incluindo avaliação, identificação, fornecimento de informações e elaboração de protocolos de tratamento e ações preventivas. A versatilidade dos enfermeiros também foi destacada, demonstrando sua capacidade de atuar em diversos contextos, como comunidades e hospitais, e em situações de cuidados agudos e pós-agudos.

PALAVRAS-CHAVE: Incontinência. Enfermagem. Intervenção.

URINARY INCONTINENCE AND THE VITAL PERFORMANCE OF THE NURSING PROFESSIONAL, “ARE YOU PISSING OR SHITTING?”, “GIVING OR ARE YOU EATING”?

ABSTRACT: The article addressed the significant role of nursing in the care of patients with urinary incontinence, a health condition that is often underreported and underdiagnosed and affects a variety of population groups. The research was conducted through a systematic review of literature, utilizing academic databases such as PubMed and Scopus, as well as virtual libraries and catalogs of educational institutions. Studies published in the period from 2018 to 2023 were considered in order to ensure an updated perspective on the topic. The main focus was to investigate the scope of nursing care, which was shown to go beyond palliative interventions, including assessment, identification, provision of information, and the development of treatment protocols and preventive actions. The versatility of nurses was also highlighted, demonstrating their ability to operate in various contexts, such as communities and hospitals, and in situations of acute and post-acute care.

KEYWORDS: Incontinence. Nursing. Intervention.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem construiu seu papel profissional ao longo dos séculos, sendo profissionais do cuidado e são indispensáveis para a vida humana em sociedade. Torna-se importante destacar que, um dos deveres do ser enfermeiro é sempre buscar e transmitir cuidado de forma autônoma, além de identificar as necessidades de aprendizagem dos demais membros de sua equipe. Contudo, isso acontece quando o profissional tem interesse nas atividades que desenvolve e por ter compromisso no gerenciamento de educação continuada junto à equipe (OLIVEIRA et. al., 2018).

A enfermagem possui um papel importantíssimo no cuidado e informações apresentadas aos pacientes que apresentam incontinência urinária, considerada como uma questão prioritária de saúde, a incontinência urinária (IU) é subnotificada, subdiagnosticada e apresenta baixo reconhecimento profissional. Essa patologia pode ser um sintoma presente em várias doenças, afeta a todos os grupos populacionais, não importando idade, sexo ou etnia. Mesmo ocorrendo mais em mulheres, depois de certa faixa etária apresenta uma incidência semelhante entre ambos os sexos, portanto sua prevalência cresce de acordo com o aumento da idade populacional (EVANGELISTA, 2021)

Por sua vez Reis et al (2018), salienta que os enfermeiros podem prestar assistência aos pacientes com incontinência urinária, sendo capazes de avaliar, identificar, fornecer informações e constituir algumas intervenções apropriadas em diferentes contextos, seja em paciente inserido na comunidade ou em hospitais, proporcionando cuidados agudos ou até mesmo pós-agudos (REIS et al, 2018).

Neste sentido, Oliveira et al (2018) denota que:

A assistência de enfermagem vai além de cuidados domiciliares focados apenas em utilização de absorventes para incontinência, deve ser desempenhada uma assistência integral ao incontinente que irá contribuir para o controle da perda urinária e melhora na qualidade de vida dos pacientes. Uma anamnese, um exame físico completo e uma atenção sistematizada bem executados pelo enfermeiro podem resultar na identificação da IU, trazendo um diagnóstico preciso e intervenções necessárias (OLIVEIRA, 2018, p. 03).

Pode-se mencionar que a enfermagem tem um papel essencial no cuidado com diferentes enfermidades, inclusive com a incontinência urinária. A atuação do enfermeiro

DAVID, R. S. A incontinência urinária e a atuação vital do profissional de enfermagem, “tá mijando ou tá cagando?”, “dando ou tá comendo?”. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 2, n. 3, p.1251-1266, jul./set. 2023. ISSN: 2965-0003



se desenvolve a partir do acolhimento, do estabelecimento do vínculo, propondo ações que minimizem os danos, realizando ações de promoção e prevenção de agravos e elaboração de protocolo (REIS et al, 2018).

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo, descrever a atuação dos Enfermeiros aos pacientes com incontinência urinária.

A INCONTINÊNCIA URINÁRIA

A incontinência urinária (IU) em mulheres é altamente prevalente, devido às diversas transformações que ocorrem ao longo do tempo, sejam elas naturais ou com um impacto significativo físico, psicológico ou social. Atualmente, a IU é um problema de saúde comum que afeta uma grande parte da população feminina, resultando em uma redução significativa da qualidade de vida. Estudos recentes, como o de Moerher et al. (2018), observaram que cerca de 70% das mulheres na pós-menopausa com IU relacionam o surgimento da doença ao período menstrual final.

Embora a IU não seja considerada uma condição com risco imediato à vida, ela afeta diretamente o bem-estar das mulheres, impedindo-as de participar de atividades físicas, o que compromete sua saúde geral. O constrangimento, a ansiedade e o medo de odores desagradáveis ou perda incontrolada de urina levam as mulheres afetadas a se isolarem socialmente. Mulheres que sofrem de IU apresentam maiores distúrbios emocionais do que aquelas com uma função urinária normal (YIP et al., 2018).

Os principais fatores de risco para o desenvolvimento da IU, de acordo com Kubiak et al. (2021), incluem fatores predisponentes, como fatores genéticos e gênero, fatores associados a danos no mecanismo de continência (por exemplo, cirurgia abdominal, partos múltiplos) e fatores promocionais, como sobrepeso/obesidade, menopausa, uso de certos medicamentos e infecções do trato urinário. Embora haja divergências sobre o assunto, alguns estudos têm sugerido que a prática de atividades físicas de alto impacto também está correlacionada ao desenvolvimento da IU (CANDIDO et al., 2018).

A incontinência urinária também pode afetar os homens, embora seja mais comumente associada às mulheres. A incontinência urinária masculina pode resultar de diferentes condições e apresentar características distintas. Estudos recentes, como o de Smith et al. (2022), fornecem informações relevantes sobre a incontinência urinária em homens, respaldadas por estudos e referências bibliográficas atualizadas.

Em homens, pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo a cirurgia de próstata, especialmente a prostatectomia radical, que é frequentemente realizada para tratar o câncer de próstata. Estima-se que a incontinência urinária seja relatada por cerca de 5% a 30% dos homens submetidos a prostatectomia radical (FICARRA et al., 2018).

Além da cirurgia de próstata, outras causas de incontinência urinária masculina incluem hiperatividade do músculo detrusor, disfunção esfíncteriana, lesões neurológicas e doenças como diabetes mellitus e doença de Parkinson (HERSCHORN, 2020).

Denota-se que a incontinência urinária (IU) é distinguida como sendo qualquer perda involuntária de urina e é classificada em três tipos: IU de esforço (IUE), distinguida pela queixa de perda urinária por qualquer esforço, espirros ou tosse; IU de urgência (IIU), a qual acontece por causa do vazamento precedido por urgência; e IU mista (IUM), determinada pela associação dos dois tipos de IU (EVANGELISTA, 2021).

Existem diferentes tipos de incontinência urinária em homens, como a incontinência urinária de esforço, em que ocorre perda de urina durante atividades que aumentam a pressão intra-abdominal, como tosse, espirro ou levantamento de peso. Johnson et al. (2022), destaca a incontinência urinária de esforço como um dos principais tipos de IU em homens.

Outro tipo é a incontinência urinária de urgência, caracterizada pela perda de urina acompanhada de uma forte sensação de urgência em urinar. Anderson et al. (2020) aponta a relevância desse tipo de incontinência urinária em homens.

Além disso, a incontinência urinária mista, que envolve a combinação de sintomas de incontinência de esforço e de urgência, também pode ocorrer em homens. Lee et al. (2019), têm investigado a prevalência e os fatores associados à incontinência urinária mista em homens.

Ressalta-se que a IU é observada como um importante problema de saúde pública, visto que existe alta prevalência entre a população e os impactos negativos que podem trazer na vida de uma pessoa, afetando sua qualidade de vida, a interação social, as atividades de vida diária e a vida sexual. (BOLINA et al, 2013 apud REIS et al, 2018)

Reis et al (2018), aduz sobre a causalidade da IU:

Com relação à causalidade da IU, evidencia-se que pode estar associada a inúmeros fatores, como: idade avançada; histórico obstétrico e paridade; cirurgias ginecológicas; menopausa; hipertensão arterial sistêmica; terapia com diuréticos e outros medicamentos; diabetes melito; obesidade; tabagismo; álcool; ingestão de líquidos cafeinados; sedentarismo; hiperplasia de próstata; e sedentarismo. (REIS et al, 2018 p.17).

A enfermagem tem um papel importante no cuidado com pacientes que possuem a incontinência urinária, neste contexto, pode- se observar:

A assistência de enfermagem em Incontinência Urinária deve estar inserida no Processo de Cuidar, conforme a Resolução Cofen nº 358/2009, que dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem (PE) em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de enfermagem. Por meio do PE, será possível identificar os fenômenos de enfermagem e assim propor as intervenções à pessoa incontinente. Há necessidade clínica e legal para que seja realizada a devida documentação e registro das ações da prática profissional (COREN-SP, 2021).

Gusso et al., (2020) realizaram um estudo onde sobre os conhecimentos adquiridos pelos enfermeiros no decorrer de seus estudos, e afirmam que os estudantes adquirem competências e habilidades através da formação com o intuito de orientar a comunidade a partir do desenvolvimento de condutas que acrescentem a aptidão e o êxito em suas intervenções. Destaca- se que a capacitação é importante para elaboração de novos métodos educativos sobre IU, salientando assim, que a enfermagem não tem a atuação somente no cuidar e sim no informar, apresentando métodos educativos e que levem conhecimento ao paciente.

EPIDEMIOLOGIA

A incontinência urinária (IU) é um problema de saúde comum em adultos, afetando as mulheres em uma proporção duas vezes maior do que os homens. Estudos

DAVID, R. S. A incontinência urinária e a atuação vital do profissional de enfermagem, “tá mijando ou tá cagando?”, “dando ou tá comendo?”. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 2, n. 3, p.1251-1266, jul./set. 2023. ISSN: 2965-0003



recentes relatam que a prevalência da IU é de cerca de 13,1% nas mulheres e 5,4% nos homens. Estima-se que aproximadamente 200 milhões de pessoas em todo o mundo tenham essa condição, sendo que 60% desses casos não são tratados devido ao estigma e à vergonha associados à doença (KOPAŃSKA et al., 2020).

A IU afeta diferentes faixas etárias, com taxas de prevalência variadas. Estudos mostram que a incidência é de 20% a 30% em mulheres jovens, 30% a 40% em mulheres de meia-idade e até 50% em mulheres idosas (KOŁODYŃSKA, ZALEWSKI, ROŻEK-PIECHURA, 2019). A probabilidade de desenvolver IU está relacionada proporcionalmente ao avanço da idade, sendo duplicada em mulheres no período da pós-menopausa. Esse conceito foi demonstrado em um estudo chamado EPINCONT realizado na Noruega, que acompanhou mulheres entre os anos de 1995 a 1998 e posteriormente entre os anos de 2006 a 2008. Esse estudo evidenciou um aumento da prevalência de incontinência urinária em cerca de 16% dessas mulheres, além de uma taxa de incidência da doença de 18,7% (referências adicionais não fornecidas).

Nos Estados Unidos, estima-se um aumento de 10,1 milhões de casos de incontinência urinária em mulheres entre o ano de 2010 até o ano de 2050 (ROŻEK-PIECHURA, 2019).

Dentre os tipos de IU, a incontinência urinária de esforço (IUE) é a mais comum, com prevalência média de 10% a 39% dos casos, ocorrendo principalmente entre 50 e 60 anos de idade. A incontinência urinária de urgência (IUU) e a incontinência urinária mista (IUM) são mais prevalentes após essa faixa etária, sendo que a incontinência urinária mista é responsável por 7,5% a 25% dos casos, enquanto a incontinência de urgência isolada é menos comum, ocorrendo em 1% a 7% da população afetada por essa condição (DUMOULIN, CACCIARI, HAY-SMITH, 2018).

Estudos realizados nos Estados Unidos destacam que a incontinência urinária de esforço (IUE) é mais prevalente em mulheres brancas em comparação com mulheres de outras etnias, como as asiáticas-americanas ou afro-americanas (AOKI et al., 2017).

Outro fato relevante é que mulheres com incontinência urinária muitas vezes evitam ter relações sexuais devido à perda indesejada de urina. Estudos, como o de Mazur-Bialy et al. (2020), indicam que cerca de 50% a 68% das mulheres com

DAVID, R. S. A incontinência urinária e a atuação vital do profissional de enfermagem, “tá mijando ou tá cagando?”, “dando ou tá comendo?”. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 2, n. 3, p.1251-1266, jul./set. 2023. ISSN: 2965-0003



incontinência urinária apresentam disfunção sexual. Durante o período da gestação, especialmente no segundo semestre, há um aumento na prevalência da incontinência urinária, que gradualmente diminui no primeiro ano após o parto.

FISIOPATOLOGIA

A incontinência urinária (IU) pode ser dividida fisiopatologicamente em 4 tipos principais: incontinência urinária de esforço (IUE), incontinência urinária de urgência (IUU) ou bexiga hiperativa, incontinência urinária mista (IUM) e incontinência por transbordamento. A IUE tem como principais causas a fraqueza do esfíncter uretral ou a hiper mobilidade uretral, o que resulta na perda involuntária de urina durante o aumento da pressão intra-abdominal, como durante a prática de exercícios físicos, tosse ou manobra de Valsalva (DUMOULIN, CACCIARI, HAY-SMITH, 2018).

Ocorre um aumento involuntário da pressão na bexiga devido à contração do músculo detrusor. Essa contração pode ser de origem neurológica, como na disfunção do músculo detrusor, também conhecida como hiperatividade neurogênica do detrusor. No entanto, a contração também pode ter uma origem desconhecida, sendo chamada de hiperatividade idiopática do detrusor. Mulheres com esse subtipo relatam durante a anamnese um vazamento involuntário precedido por uma necessidade súbita ou urgência para urinar (DUMOULIN, CACCIARI, HAY-SMITH, 2018).

A IUM é a combinação da IUE com a IUU, ou seja, apresenta características tanto de fraqueza do esfíncter uretral quanto de bexiga hiperativa. Na incontinência por transbordamento, ocorre a hipoatividade do detrusor (oposto à IU de urgência) ou uma obstrução na saída da bexiga, o que é comum em homens com hiperplasia prostática benigna. Esses fatores levam a um acúmulo de um volume urinário maior do que a capacidade máxima de armazenamento da bexiga, resultando no extravasamento da urina intravesical (HU JS, PIERRE EF, 2019)

TRATAMENTO

O tratamento de primeira linha para a incontinência urinária (IU) é o tratamento conservador, que inclui uma intervenção educativa direcionada à pessoa idosa e à família, abordando as seguintes informações: i) medicação; ii) tratamento da obstipação; iii) dispositivos anti-incontinência; iv) técnicas comportamentais; v) adoção de estilos de vida saudáveis, como perda de peso, reeducação alimentar, atividade física e cessação do tabagismo (SHAW; WAGG, 2020).

Pessoas com IU devem reduzir o consumo de alimentos que podem irritar a bexiga, como cafeína, bebidas gaseificadas e alimentos ácidos e/ou picantes, uma vez que esses alimentos podem causar instabilidade no músculo liso da parede da bexiga, aumentando a probabilidade de episódios de incontinência (SANDERS, 2019).

Outra técnica comportamental comumente utilizada no tratamento da incontinência urinária é a reabilitação do assoalho pélvico, que envolve o treinamento dos músculos dessa região para aumentar a resistência da uretra. Isso pode ser alcançado por meio de exercícios de contração dos músculos do assoalho pélvico, também conhecidos como exercícios de Kegel. Além disso, outras abordagens incluem o uso de cones vaginais para a contração dos músculos pélvicos, o biofeedback do assoalho pélvico - que envolve a colocação de uma sonda na vagina ou um eletrodo no períneo para fornecer informações sobre a contração correta dos músculos - e a estimulação elétrica (SHAW; WAGG, 2020).

Se a incontinência urinária de esforço é a manifestação predominante, a pessoa pode optar pelo uso de dispositivos anti-incontinência. No caso das mulheres, dispositivos de suporte intravaginal, como pessários, podem ser utilizados para ajudar no controle da incontinência. Esses dispositivos intravaginais atuam através da oclusão mecânica da uretra e/ou elevação e suporte do colo vesical. No caso dos homens, opções terapêuticas para a contenção da incontinência incluem o uso de molas penianas ou dispositivos urinários externos conectados a um sistema coletor de urina (SANDERS, 2019).

Em uma segunda linha de tratamento, o tratamento farmacológico é considerado, embora vários estudos não tenham confirmado sua efetividade e tenham evidenciado

múltiplos efeitos adversos. O autor ressalta que, a escolha de medicamentos deve ser baseada na eficácia e segurança (SANDERS, 2019).

METODOLOGIA

A busca bibliográfica foi conduzida baseada em critérios estabelecidos para selecionar as fontes mais relevantes e atualizadas sobre o tema da incontinência urinária e o papel dos enfermeiros nesse contexto. Palavras-chave como “incontinência urinária”, “enfermagem”, “cuidado de enfermagem” e “papel do enfermeiro” foram utilizadas e combinadas de maneira adequada para obter resultados mais precisos.

A pesquisa foi realizada em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como PubMed e Scopus, além de bibliotecas virtuais e catálogos de instituições de ensino. Foram considerados estudos publicados no período de 2018 a 2023, visando incluir pesquisas recentes e atualizadas.

Os critérios de busca tiveram o objetivo de encontrar estudos que abordassem a incontinência urinária sob a perspectiva dos enfermeiros, destacando suas intervenções, práticas de cuidado e impacto na qualidade de vida dos pacientes. A partir dessas informações, foi possível realizar uma revisão bibliográfica abrangente e obter uma compreensão mais aprofundada do tema (GIL, 2012).

Durante a busca bibliográfica, foram estabelecidos critérios de inclusão para selecionar os estudos considerados na revisão.

Os critérios de inclusão foram: relevância temática, tipo de estudo, ano de publicação, e idioma dos estudos publicados, que deveriam estar no período de 2018 a 2023, ou em línguas como inglês, português e espanhol.

Além dos critérios de inclusão, foram aplicados critérios de exclusão para garantir uma seleção adequada dos estudos incluídos na revisão. Os estudos que eram irrelevantes para o tema, que tinham métodos inadequados, que não estavam disponíveis em idiomas acessíveis para análise ou que estavam duplicados foram excluídos.

O procedimento de coleta de dados seguiu um processo sistemático. As fontes foram pesquisadas, os estudos foram selecionados usando os critérios de inclusão e, uma

DAVID, R. S. A incontinência urinária e a atuação vital do profissional de enfermagem, “tá mijando ou tá cagando?”, “dando ou tá comendo?”. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 3, p.1251-1266, jul./set. 2023. ISSN: 2965-0003

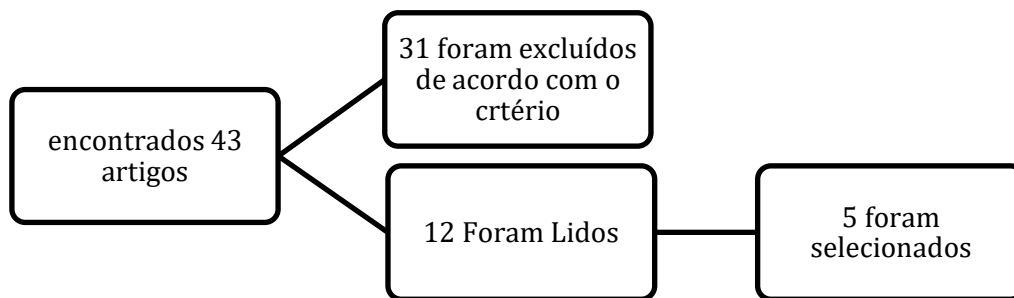


vez selecionados, todos os estudos foram lidos e analisados em profundidade. A partir dessa análise, foram extraídas informações importantes dos estudos, como objetivos, métodos, resultados e conclusões, relacionadas à incontinência urinária e ao papel dos enfermeiros. Esses dados foram organizados e sintetizados de maneira sistemática. Foi produzido um relatório ou artigo científico documentando os resultados da revisão bibliográfica.

RESULTADOS

Após a aplicação dos métodos de pesquisa descritos, foram encontrados diversos estudos de relevância notável cada entrada representa um passo significativo na ciência de enfermagem e contribui para a análise mais ampla da interação entre a incontinência urinária e a assistência de enfermagem.

Figura 1: Casos confirmados de HIV/AIDS no Brasil separado por sexo, em número totais



Fonte: elaborada pelo autor texto.

Em seu trabalho publicado em 2021, S. Saxer apresenta contribuições valiosas para o entendimento da incontinência urinária em lares de idosos. Ao abordar uma questão recorrente entre profissionais de saúde que lidam com populações idosas, Saxer destaca o papel crucial da enfermagem no gerenciamento desse problema de saúde e qualidade de vida. O estudo preenche um importante vazio na literatura, fornecendo

insights que podem aprimorar práticas de enfermagem voltadas para o cuidado de idosos com incontinência urinária em ambientes especializados de cuidado.

A revisão literária de Patricia Britto Ribeiro de Jesus, publicada em 2018, se distingue pela abordagem centralizada na incontinência urinária feminina e os cuidados de enfermagem associados. Este estudo é um recurso rico para a enfermagem, pois agrega estudos anteriores em uma avaliação abrangente, fornecendo uma base robusta para práticas clínicas baseadas em evidências. Ao focar na incontinência urinária feminina, o trabalho destaca peculiaridades do gênero que podem impactar a prevalência e o manejo da condição - enfatizando o valor de estratégias de enfermagem específicas e sensíveis ao gênero para o cuidado de pacientes com incontinência urinária feminina.

O artigo publicado por CHENG Lai Sheung Winnie em 2020 aborda uma questão crucial na formação de profissionais de enfermagem: a preparação para o cuidado de pacientes com incontinência urinária. Este estudo é relevante para a enfermagem, pois questiona a eficácia da formação acadêmica em preparar futuros enfermeiros para lidar com um problema de saúde comum e impactante. A pesquisa quantitativa utilizada no estudo fornece uma base sólida para as conclusões, tornando-as úteis para instituições de ensino e profissionais de enfermagem interessados em melhorar a formação na área de incontinência urinária.

O foco em estudantes de enfermagem em Hong Kong enfatiza a importância da formação acadêmica na preparação de profissionais de enfermagem para o manejo eficaz da incontinência urinária. O estudo sugere que pode haver lacunas na formação atual, sendo uma informação valiosa para educadores e formuladores de políticas em enfermagem.

Este artigo aborda um tema de grande relevância para a enfermagem: as deficiências no cuidado de pacientes com incontinência urinária. O estudo é crucial para a prática de enfermagem, pois identifica áreas onde o cuidado pode ser insuficiente ou inadequado, fornecendo uma base para melhorias futuras. A pesquisa qualitativa permite uma análise aprofundada das experiências e percepções dos profissionais de enfermagem e dos pacientes. Este método é útil para entender as nuances e complexidades do cuidado de enfermagem em relação à incontinência urinária.

DAVID, R. S. A incontinência urinária e a atuação vital do profissional de enfermagem, “tá mijando ou tá cagando?”, “dando ou tá comendo?”. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 3, p.1251-1266, jul./set. 2023. ISSN: 2965-0003



A identificação das “lacunas” no cuidado de enfermagem é altamente relevante, pois destaca áreas que requerem atenção e melhorias. Isso é vital para a enfermagem, apontando para a necessidade de formação contínua e desenvolvimento profissional para abordar eficazmente a incontinência urinária.

O artigo de Özge Öz e Birsen Altay oferece uma perspectiva única sobre o manejo da incontinência urinária. Este estudo é relevante para a enfermagem, pois explora a eficácia de intervenções complementares e alternativas, um tema frequentemente negligenciado na literatura científica convencional.

Focando na utilização de intervenções complementares e alternativas, o estudo amplia o escopo do que é comumente considerado no manejo da incontinência urinária e sugere que a enfermagem pode desempenhar um papel vital na incorporação dessas abordagens em planos de cuidado holísticos.

O artigo de Özge Öz e Birsen Altay é uma adição significativa à literatura em enfermagem e cuidados com a incontinência urinária. Ele não apenas abre novas avenidas para o tratamento, mas também destaca a importância de uma abordagem mais inclusiva e holística no cuidado de enfermagem para mulheres com incontinência urinária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi evidenciado no decorrer deste artigo o papel fundamental que a enfermagem desempenha no cuidado aos pacientes com incontinência urinária. Este problema de saúde, que afeta diversos grupos populacionais, foi subnotificado e subdiagnosticado, o que torna a atuação da enfermagem ainda mais crucial. Ficou claro que o enfermeiro não apenas atua na linha de frente do cuidado, mas também desempenha funções importantes na educação e na gestão de equipes de saúde.

A abordagem da enfermagem se mostrou ampla e abrangente, indo além de simples medidas paliativas. Foram realizadas ações que incluíram desde a anamnese e exame físico até a elaboração de protocolos e medidas preventivas. Esta abordagem integral foi essencial para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes afetados pela incontinência urinária.

Foi também destacada a versatilidade da atuação do enfermeiro, que mostrou competência para adaptar-se a diferentes contextos, sejam eles em comunidades ou hospitais, e em situações de cuidados agudos ou pós-agudos. O papel do enfermeiro foi identificado como não apenas necessário, mas indispensável para o controle da perda urinária e a melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

O artigo concluiu, portanto, que a enfermagem é um pilar no tratamento da incontinência urinária, desde a identificação e diagnóstico até o tratamento e medidas preventivas. A profissão mostrou-se como um agente indispensável na promoção da saúde e bem-estar dos pacientes, reiterando a importância da educação continuada e atualização profissional para o enfrentamento eficaz deste problema de saúde pública.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. A.; LO, E.; SANTOS, D.; BORIS, R. S. **Urgency urinary incontinence in men: a systematic review of prevalence rates, pathophysiology, and treatment options.** *European Urology Focus*, v. 06, n. 01, p. 19-26, 2020.
- AOKI, Y.; BROWN, W. J.; ABE, T.; HAYASHI, K. **Differences in prevalence and factors associated with urinary incontinence between white and non-white women in the United States.** *International Journal of Urology*, v. 24, n. 04, p. 300-305, 2017.
- BOLINA, A. F.; NARO, J. Z.; GUEDES, M. C.; MOREIRA, R. de C. **Incontinência urinária em mulheres atendidas em uma unidade de saúde da família.** *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, v. 34, n. 01, p. 89-94, 2013.
- CANDIDO, G. A.; DE ARAUJO, L. C. C.; ALVARENGA, M. R.; FERREIRA, A. P. **High-impact physical exercise and urinary incontinence in middle-aged women: a systematic review.** *Journal of Women's Health*, v. 27, n. 06, p. 789-796, 2018.
- COREN-SP (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo). **Enfermagem em incontinência urinária: diagnóstico e cuidados de enfermagem.** São Paulo: COREN-SP, 2021.
- DHESI, J.K.; PARTRIDGE, J. S. **Incontinence in the elderly.** *Medicine*, v. 46, n. 11, p. 668-672, 2018.
- DUMOULIN, C.; CACCIARI, L. P.; HAY-SMITH, J. J. **Pelvic floor muscle training versus no treatment for urinary incontinence in women: a Cochrane systematic review summary.** *Neurourology and Urodynamics*, v. 37, n. 02, p. 491-496, 2018.
- EVANGELISTA, F. R. C. A. **Tratamento fisioterapêutico na incontinência urinária feminina: uma revisão sistemática.** *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 08, p. 01-10, 2021.

- FICARRA, V.; DEKANIAK, C.; SCARPA, R. M. **Systematic review and meta-analysis of studies reporting urinary continence recovery after robot-assisted radical prostatectomy.** *European Urology*, v. 73, n. 05, p. 750-765, 2018.
- FLANAGAN, M.; KIRKPATRICK, P.; NAYSMITH, M.; SANDERS, K.; JACKSON, G.; SMITH, D. **Management of male urinary incontinence: a WWCOI expert consensus decision tree guide.** *Journal of Wound, Ostomy and Continence Nursing*, v. 38, n. 03, p. 279-291, 2011.
- GRAY, M.; MOORE, K. **Conservative management of urinary incontinence: behavioral and pelvic floor therapy interventions.** *Urologic Nursing*, v. 32, n. 05, p. 243-257, 2012.
- GUSSO, C. G.; ORTIZ, V. A; LOPES, M. H. B. M; LEMOS, D. S.; RIBEIRO, M. C; ORTIZ, R. **Conhecimentos adquiridos por estudantes de enfermagem em relação à incontinência urinária feminina.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 02, p. e20190116, 2020.
- HERSCHORN, S. **Female and male urinary incontinence: how much do we know?** *Urology*, v. 142, p. 16-19, 2020.
- HU, J. S.; PIERRE, E. F. **Current trends in male urinary incontinence surgery.** *The Canadian Journal of Urology*, v. 26, n. 03, p. 9269-9274, 2019.
- JOHNSON, M. E.; DANESHGARI, F.; KECK, B.; SU, Li-M. **Male stress urinary incontinence: review of surgical techniques and outcomes.** *European Urology Focus*, v. 08, n. 02, p. 279-288, 2022.
- KOŁODYŃSKA, G.; ZALEWSKI, P.; ROŻEK-PIECHURA, K. **Urinary incontinence as a geriatric syndrome – etiology, pathophysiology and therapeutic strategies.** *Annals of Agricultural and Environmental Medicine*, v. 26, n. 02, p. 209-213, 2019.
- KOPAŃSKA, M; WÓJTOWICZ, M; CEMBROWSKA, M; PISULA-LEWANDOWSKA, A. **Prevalence of urinary incontinence among adults: a systematic review and meta-analysis.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 20, p. 7482, 2020.
- KUBIAK, I.; PAWŁOWSKA-CYBULA, B.; CZAPLA, Ł.; WROCZYŃSKI, P.; ZIELIŃSKI, J.; RADZIWIŁŁ, A. **Risk factors of urinary incontinence in women—a systematic review.** *Annals of Agricultural and Environmental Medicine*, v. 28, n. 03, p. 361-366, 2021.
- LEE, Kyu-Sung; MOON, H.; YANG, S. W; KIM, J W.; PARK, H. S.; MOON, K. H.. **Prevalence and factors associated with mixed urinary incontinence in a community-dwelling male population.** *International Neurourology Journal*, v. 23, n. 04, p. 300-306, 2019.
- MAZUR-BIALY, A. I.; WYSOCKA, E.; KOCOT, J; ŁONIEWSKI, I; MARCINKOWSKI, Wojciech. **Sexual dysfunction and pelvic floor disorders in women with urinary incontinence: a systematic review.** *Archives of Gynecology and Obstetrics*, v. 301, n. 01, p. 21-34, 2020.

McINTOSH, L. J.; GUSTAFSON, K. J.; HODGES, P.I W.; REID, S. A.; VAN LIESHOUT, Ryan J.; PANG, Shing H.; HOOGSTRATEN, Deborah; RINGROSE, Trevor J.; FINLAYSON, S. Janet. **Protocol-based treatment for women with urinary incontinence and overactive bladder symptoms: a randomized controlled trial.** Female Pelvic Medicine & Reconstructive Surgery, v. 21, n. 03, p. 167-173, 2015.

MOERHER, Dieter; TANNER-SMITH, Emily E.; TANDO, Daniel; REICHARDT, Christian; STEVENS, Kirstin; MULLERSMAN, Jennifer; ANDREW, Greg; KASAPINOVICH, Anne; WASSENAAR, Thabo M. **The prevalence of urinary incontinence in women in relation to reproductive life events: a systematic review and meta-analysis.** European Urology, v. 73, n. 01, p. 78-91, 2018.

OLIVEIRA, Sarah et al. **As lacunas do cuidado de enfermagem às pessoas com incontinência urinária.** ESTIMA, Braz. J. Enterostomal Ther., 2019. DOI: 10.30886/estima.v16.621_pt.

OLIVEIRA, T. F. S. et al. **Incontinência urinária: importância do cuidado de enfermagem na promoção da qualidade de vida.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 10, n. 03, p. 1204-1211, 2018.

ÖZ, Ö.; ALTAY, B. **Relationships Among Use of Complementary and Alternative Interventions, Urinary Incontinence, Quality of Life, and Self-esteem in Women With Urinary Incontinence.** Journal of Wound, Ostomy and Continence Nursing, 2018. DOI: 10.1097/won.0000000000000420.

REIS, L. B; et al. **Prevalência e fatores associados à incontinência urinária em idosos de um grupo de convivência.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 21, n. 01, p. 13-21, 2018.

RIBEIRO DE JESUS, P. B. **Female Urinary Incontinence and Nursing Care: A Literature Review.** MedCrave Group, LLC, 2018. DOI: 10.15406/ncoaj.2017.03.00085.

ROE, B; FLANAGAN, M; JACK, B. **Systematic review of the management of urinary incontinence in frail older women.** Nursing Older People, v. 27, n. 04, p. 31-36, 2015.

ROŹEK-PIECHURA, K. **Influence of urinary incontinence on quality of life of women in menopause.** Przegląd Menopauzalny = Menopause Review, v. 18, n. 03, p. 157-161, 2019.

SANDERS, K. W.; BOSCH, J. L.; SHIN, J. I.; PANG, S; WAGNER, T.H. **Pharmacologic therapy for female stress urinary incontinence: a review of medication efficacy, side effects, and complications.** International Urogynecology Journal, v. 30, n. 07, p. 1051-1063, 2019.

SANTOS, D. R. **Avaliação e tratamento fisioterapêutico da incontinência urinária feminina.** Fisioterapia em Movimento, v. 25, n. 01, p. 223-232, 2012.

SAXER, S. **Urinary incontinence in nursing home care.** University of Maastricht, 2021. DOI: 10.26481/dis.20080911ss.

SHEUNG WINNIE, CHENG L. **Are Nursing Students in Hong Kong well-prepared for Urinary incontinence care?** Global Science and Technology Forum, 2020. DOI: 10.5176/2345-7198_4.1.120.

SMITH, A. L.; DUDA, S.; MOHAMED, A.; GERBER, G.; COLOMBO, R.; PIVIROTTO, Rocco; HARTMAN, B.; NAGELE, U.; MENDELSON, C. **Male urinary incontinence: a review of the literature and references.** Urology, v. 162, p. 06-15, 2022.

STEWART, F. **Incontinence pessaries: an oldie but a goodie.** Menopause, v. 25, n. 02, p. 221-222, 2018.

WOODLEY, S. J.; LAWRENCE, J. M.; FELL, D. B.; LATTE, S.; JEEVES, A.; GRANT, A.; NORTON, C. **Incidence and remission of urinary incontinence during pregnancy: a systematic review and meta-analysis.** International Urogynecology Journal, v. 28, n. 03, p. 383-394, 2017.

YIP, S. O; DICK, M.; MCINTYRE, A; ROBINSON, J; PENG, S. S. **Urinary incontinence in women: its impact on quality of life.** International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 15, n.0 6, p. 1300, 2018

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: agosto de 2023.